

Da onipotência infantil ao confronto com a realidade

Nós que nos amávamos tanto

Ettore Scola

*Ana Paula Amado Lopes**

“Não sonhes tua vida, porque sonhar a vida é perder-se nas brumas das ilusões vazias e enganosas, criadas precisamente para fazer esquecer ou evitar os limites, frustrações e sofrimentos que nos impõe a inexorável Anánke. Os que vivem sonhando a vida acreditam ser verdadeiro o que é ilusório. Suas ilusões se desfazem sempre em desilusões”. (ROCHA, 2012, p. 270).

O belíssimo filme Italiano, de 1974, baseado numa comédia dramática, do elogiado diretor Ettore Scola venceu dois prêmios relevantes no contexto cinematográfico. A história retratou com sensibilidade uma visão humanista acerca dos personagens em seus dilemas éticos e morais. A obra de Scola também foi marcada pela temática social e política, na medida em que assistimos a um período de profundas mudanças sociais na sociedade Italiana do pós-guerra.

A película conta a história de três amigos: Antonio, Gianni e Nicola que lutaram juntos no fim da Segunda Guerra Mundial (1945). Contudo, o laço de amizade e afeto construído em torno dessa batalha, não os impediu de se afastarem, logo que o conflito se encerrou. Cada um deles seguiu para sua cidade de origem, a fim de dar continuidade às suas próprias vidas. Desta maneira, Antonio em Roma, Gianni em Pavia (Norte da Itália) e Nicola em Nocera (Sul da Itália) mantinham-se movidos pelos ideais de transformação da Sociedade Italiana da época. Porém, a dificuldade de sustentação desses ideais – próprios

* Psicóloga, psicanalista, membro efetivo da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.

de uma juventude revolucionária, deu-se diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia de cada um. Ou seja, frente ao confronto com a realidade cotidiana: Antonio, Gianni e Nicola acabaram por não realizar os seus sonhos, antes imaginados, uma vez que se perderam de si mesmos. Foi assim que acompanhei os encontros e desencontros dos protagonistas pelos 25 anos seguintes.

Os três personagens, em sua composição, mostravam-se cristalizados numa posição infantilizada e até mesmo alienada com relação à vida. Antonio demonstrava ingenuidade quase infantil diante do trabalho, dos amores e dos amigos. Na cena em que Gianni e Luciana aguardavam por ele no hospital, onde trabalhava como técnico de enfermagem, ele desceu pelas escadas como se estivesse num escorrega. Gianni, advogado-assistente, mudou-se para Roma e deixou-se envolver por um milionário da construção civil, de fama duvidosa, que lhe ofereceu máquinas de muitas cilindradas, uma vez que, na cena em que vai intimar o empresário para depor, deslumbra-se com o carro estacionado à frente da casa. Assim, perdeu a possibilidade de tornar-se um advogado respeitado, capaz de lutar por tudo aquilo em que acreditava. Nicola, em seus arroubos de fúria quando contrariado em suas posições políticas, acabava por demonstrar, nas cenas de brigas, gritos e xingamentos, a sua intolerância a qualquer frustração, uma vez que se apresentava dono de uma verdade absoluta, o que o impediu de se tornar um intelectual reconhecido e respeitado.

No artigo, *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, Freud se ocupava de questões acerca da teoria da libido para compreender a constituição do ego. Assim, na fase do autoerotismo, a criança busca o prazer no seu próprio corpo e, daí, algo precisa ser acrescentado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – para que se constitua o narcisismo, sendo esta a condição fundamental na formação do ego como unidade integrada. Portanto, consideramos que o narcisismo está na base da constituição do sujeito.

Neste sentido, na estruturação do narcisismo não só se constitui o ego, como também se pauta a formação inconsciente do ego ideal, o qual se situa ao lado da onipotência do ego e é o herdeiro do narcisismo infantil. Nesta instância pré-edípica, constituída no registro do imaginário, tendo como modelo a onipotência das figuras parentais, nada se deseja, porque, ilusoriamente, acredita-se que já se tem tudo.

Os investimentos do ego, quando têm como modelo as ambições narcísicas do Ego Ideal, dão origem às idealizações, e, no registro dessas idealizações, os ideais tornam-se ilusões que se desfazem em desilusões, porque não resistem à prova da realidade (...) (ROCHA, 2012, p. 267).

Sendo assim, desde o início, Freud, em sua obra, abre espaço para o estudo da ilusão como papel fundamental na construção da existência humana. O bebê, quando lançado ao mundo, cria uma ilusão de onipotência necessária para lidar com o próprio desamparo. Porém, é na relação de ilusão de onipotência com a mãe que encontra uma forma de dar continuidade à sensação de permanência na vida intrauterina. Assim, essa fase de onipotência ilusória é fundamental para a saúde física e psíquica do bebê. No entanto, esta etapa do desenvolvimento não pode se manter para sempre e se torna relevante que a mãe, gradativamente, desiluda o seu bebê em prol de sua própria subjetivação. Portanto, a ilusão, quando confrontada com a realidade, pode se tornar fonte de criatividade na arte do viver, uma vez que, quanto mais saudável ocorrer a experiência de ilusão de onipotência melhor será o contato com a realidade. Logo, a ilusão tem papel decisivo na construção da subjetividade.

(...) um fechamento nessa onipotência ilusória seria, por sua vez, a morte do sujeito. Narciso morreu porque não foi capaz de ir além do fascínio ilusório de sua própria imagem. Quando não confrontada com a desilusão da realidade, a ilusão da onipotência narcísica deixa de ser uma fonte de criatividade para se tornar uma ilusão mortífera (ROCHA, 2012, p. 265).

Na história dos protagonistas, eles viviam como se estivessem sempre aprisionados num mundo saudosista, pesaroso, melancólico onde se mostravam incapazes de modificá-lo como fizeram no passado, durante a luta. Não havia mais lugar para uma ação revolucionária, criativa, viva – como o movimento pela libertação da Itália do jugo nazista e fascista, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Desta maneira, o filme foi apontando para o empobrecimento psíquico dos personagens, que não chegaram a lugar algum. Logo, podemos pensar que, diante das mazelas impostas pela vida, há sempre o risco de desilusões, da amargura, da impotência, do viver preso num futuro passado, como disse Gianni, quase no final do filme. É a impossibilidade do ato de um viver criativo.

Pois bem, no filme temos uma personagem feminina: Luciana, como já foi citada no início deste trabalho. Ela se apresentou de maneira bastante intrigante e curiosa no decurso da história, uma vez que exerceu na vida de cada um dos protagonistas um certo fascínio diante da sua imagem. Na cena em que tentou o suicídio devido a uma desilusão amorosa na relação com Gianni, ela reuniu Antonio e Nicola, cada um a seu modo, em torno de si na

tentativa de impedir o pior. Até mesmo Gianni, a partir do bilhete enviado por Nicola, foi espiar o que tinha acontecido com a sua ainda amada. Porém, a relação dos protagonistas com Luciana também foi marcada por encontros e desencontros.

Sendo assim, a partir da história do filme, que espécie de ligação afetiva ou fascínio Luciana proporcionou a esses três homens, que se mostravam tão esvaziados de si mesmos?

Voltando ao artigo de 1914, no capítulo três Freud aponta a questão do amor e da paixão, apoiado no conceito de narcisismo. As primeiras satisfações sexuais da criança se apoiam a partir do desvelo materno que se faz necessário, no início da vida. A alimentação, a erogenização do corpo e outros cuidados com o bebê são relevantes para a sua sobrevivência. Mais adiante, a noção de apoio vai se desdobrando no que se refere aos cuidados que a criança ainda demanda da mãe ou de algum substituto. Sendo que essas pessoas que cuidaram e alimentaram a criança se tornaram para ela o seu primeiro objeto de investimento sexual. Em seguida, diz Freud:

Estamos afirmando que o ser humano tem dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida, e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto (FREUD, 1914/1986, p. 108).

Desta maneira, constatamos que o sujeito vai se subjetivando frente às impressões que ficaram registradas em seu psiquismo e que ocorreram no início da vida. São estes os primeiros encontros e desencontros amorosos, que funcionarão, no futuro, como modelo das escolhas de objeto.

(...) a paixão amorosa é claramente colocada como uma revivência das relações primárias do sujeito infantil, em um encontro que busca recuperar ou reviver as impressões outrora experienciadas. (...) Esses primeiros objetos de investimento sexual da criança fornecerão a matriz na qual se moldarão as escolhas amorosas ulteriores (SILVA, 2002, p. 41).

Antonio conheceu Luciana no hospital em que trabalhava, logo após o fim da guerra e daí começaram um namoro quase infantil. No entanto, foi por Gianni que ela se apaixonou. Ambos, Gianni e Luciana, encenaram uma história de amor com a perspectiva de um final feliz. Porém, foi nos braços

de Nicola e Nicola nos braços de Luciana que se consolaram diante das desilusões e decepções amorosas que experimentaram, uma vez que Nicola abandonou a mulher e o filho para morar em Roma, numa tentativa de se tornar um respeitável intelectual. Em situações diferentes, Luciana passou pela vida desses três homens, ao longo do filme. Por fim, descobriu que Antonio era o seu grande amor e, após muitas idas e vindas, construíram uma família e, na cena final, que reúne esses três homens em torno dela, parece cuidar de Antonio como um menino pequeno “*porcalhão*”, como o chama, pois o mesmo havia se sujado na cena do restaurante, que reuniu os três amigos após 25 anos e na briga com Nicola, na saída do restaurante por diferenças ideológicas.

Poderíamos pensar, nessa perspectiva, que a paixão amorosa sempre aponta para uma marca regressiva na vida do sujeito, uma vez que na relação amorosa se percebe a dinâmica do processo de idealização do objeto amoroso, como meio de recuperação do estado narcísico. O objeto da paixão amorosa vem dar forma e suprir as demandas infantis, numa tentativa de atualização e recuperação desses amores da infância perdida.

O amor necessita que o objeto mítico seja encarnado em uma pessoa e provoque a ilusão de seu reencontro; portanto, toda escolha amorosa implica uma tentativa de encontrar a completude e suturar a falta por meio do semelhante (...) (LEVY; GOMES, 2010, p. 26).

Contudo, foram os personagens de Antonio e Nicola que se mantiveram com alguma coerência no decorrer do filme, pois não abandonaram aquilo em que acreditavam; porém, eles demonstraram uma dificuldade de integrar a realidade da vida cotidiana às suas ilusões narcísicas da juventude. Antonio mostrou-se aprisionado aos seus ideais e, dessa maneira, não deixou de ocupar uma posição sempre pequena diante da vida. Assim como Nicola que não conseguiu sustentar os seus sonhos da juventude, pois a certeza da verdade absoluta o cristalizou na posição do pequeno dono da verdade, enquanto Gianni optou por outro caminho: abriu mão de todos os seus projetos, tomando para si a causa de um magnata corrupto italiano. Tudo aquilo que acreditava foi abandonado, seu laço de amizade com Antonio e Nicola, seu grande amor, e por fim, se distanciou de si mesmo. Acabou pagando um preço alto demais por toda esta renúncia, uma vez que à frente dele sempre pairava a força paralisante daquele passado que não passou. Gianni se transformou num homem absolutamente solitário, ao lado do velho sogro cor-

rupto. Com isso, observei que os personagens sempre se colocavam numa posição desvalida frente à vida, onde demonstravam certa incapacidade de caminhar com as próprias pernas e, por caminhos diferentes, Antonio, Nicola e Gianni acabaram quase no mesmo lugar.

Desta maneira, após 25 anos, eles se reencontraram para rememorarem as lembranças do passado, no mesmo restaurante em que, por muitas vezes, estiveram. Aliás, ao longo do filme, a dinâmica da temporalidade foi uma marca acentuada na história de Ettore Scola, uma vez que o passado, o presente e o futuro se misturaram todo o tempo, na vida dos três personagens. Porém, os protagonistas se mostravam imersos num passado que não avançou para o presente nem para o futuro, como compreendemos o movimento da vida que, gradativamente, estrutura o tempo de existir de cada um de nós.

Nessa perspectiva, o filme mostrou que os três personagens pareciam viver a vida desprovida de sentido, de compreensão, de esperança, de valor e, desta forma, se restringiu a uma simples e dolorosa passagem do tempo, passagem da vida. A vida correu entre os dedos. Desse modo, podemos considerar que é a partir da experiência de caminhar pela vida, “*sendo no tempo*”, que o sujeito estabelece o sentimento da existência de si mesmo e a possibilidade de contato com a realidade.

Portanto, parece que Antonio, Gianni e Nicola, diante dos obstáculos encontrados no cotidiano e inerentes à vida de todos nós, acabaram permanecendo aprisionados às ilusões narcísicas do Ego ideal e, desta maneira, impedidos de seguir adiante, de avançar a vida, numa trajetória que fosse marcada pelo movimento de ação e criação. Assim, as formações ilusórias sempre apontam para o caminho do desejo; no entanto, esses ideais narcísicos caracterizam-se, predominantemente, como uma condição de alienação do indivíduo, uma vez que denuncia uma tentativa de recuperação do narcisismo perdido na infância. Logo, o sujeito alimenta uma crença de que está protegido da dor do desamparo, das desilusões, das decepções e da exatidão da dependência de todo ser humano. Com isso, podemos pensar que até mesmo a relação com Luciana foi mantida cristalizada numa ilusão de completude narcísica, onde tudo se tem e nada se perde.

E, por fim, ainda em 2012, assinalou Zeferino Rocha:

Bem diferente é a sorte daqueles que, na dureza da vida, muito se empenham em querer viver os seus sonhos. Viver o sonho, apesar das dificuldades, é abrir um horizonte para a esperança que não permite desanimar nunca, quaisquer que sejam as dificuldades dos caminhos. Os que assim procedem terminam se convencendo de que o sonho, mesmo quando parece ilusó-

rio, é o mais verdadeiro, porquanto é nele que encontramos a motivação necessária para dar sentido e dizer sempre sim à vida (p. 270).

Abril de 2018

Ana Paula Amado Lopes

apalopes21@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

FREUD, Sigmund (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

LEVY, Lídia; GOMES, Isabel Cristina. Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso. *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 29, 2010.

ROCHA, Zeferino. O papel da ilusão na psicanálise freudiana. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, jul-dez. 2012.

SILVA, Maria Helena de Barros e. *A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo: Escuta, 2002.